

Joana Ribeiro de Sousa

joa.sousa@gmail.com

**Exercício para a construção biográfica de um
Retrato Afetivo em Miniatura**

Resumo

A dissertação discute e procura aplicar a noção de biografia do objeto de I. Kopytoff (1986) no âmbito dos estudos de cultura material e da museologia. Analisando as vidas e percursos de um retrato em miniatura da coleção de Miniaturas do Museu Nacional Soares Reis (MNSR), procedeu-se a um exercício de reconstrução biográfica. Pretende-se demonstrar como este pode ser uma ferramenta útil que pode ajudar os museus a aprofundarem e diversificarem as suas linhas interpretativas. O estudo biográfico do objeto, dos seus significados, da sua relação com outros, dos seus contextos históricos e sociais, conduz a uma interdisciplinaridade que sustenta uma ampla análise sociocultural. Atendendo à dimensão social e sensorial do objeto, às relações entre materialidade e imaterialidade, o museu conseguirá reunir várias linhas de documentação para a construção das suas narrativas. O trabalho é um contributo para leituras mais interdisciplinares, permitindo a abordagem em contexto museológico de temáticas problematizadoras.

Palavras-chave: [cultura material, biografia de objeto, retrato em miniatura, Museu Nacional Soares dos Reis].

Nota biográfica

Licenciada em História, variante Arte, pela Faculdade de Letras do Porto, tendo aí concluído o Mestrado em Museologia em 2024. Iniciou o seu percurso profissional na Câmara Municipal de Vieira do Minho onde realizou estágio profissional. Exerce desde 2010 a atividade de formadora, sendo neste âmbito a sua aproximação ao estudo e pesquisa no campo do Design segundo uma perspetiva histórica e social.

Abstract

The dissertation discusses and seeks to apply I. Kopytoff's (1986) notion of object biography in the field of material culture studies and museology. Kopytoff (1986) in the context of material culture studies and museology. An exercise in biographical reconstruction was conducted by analysing the lives and journeys of a miniature portrait from the Miniatures collection of the Soares Reis National Museum (MNSR). The aim is to demonstrate how this can be a useful tool that can help museums deepen and diversify their interpretative lines. The biographical study of the object, its meanings, its relationship with others, and its historical and social contexts leads to an interdisciplinary approach that supports a broad socio-cultural analysis. Given the social and sensory dimension of the object and the relationship between materiality and immateriality, the museum will be able to bring together various lines of documentation for the construction of its narratives. This work is a contribution to more interdisciplinary readings, allowing problematising themes to be approached in a museum context.

Keywords: [material culture, object biography, miniature portrait, Soares dos Reis National Museum.].

Biographical note

The author holds a degree in History, Art variant, from the Faculty of Arts and Humanities of Porto and completed a master's degree in Museology in 2024. Her professional journey began at Vieira do Minho City Council, where she completed a professional internship. Since 2010, she has been a trainer, focusing on the study and research of design from a historical and social perspective.

Introdução

A dissertação “O Objeto Retrato Afetivo em Miniatura: construção de uma biografia possível”, orientada por Alice Duarte e Ana Mantua no Mestrado em Museologia da Universidade do Porto, prendeu-se com a análise biográfica do objeto no âmbito dos estudos de cultura material e da Museologia. Para a construção de uma biografia há que reconhecer a dimensão social e sensorial dos objetos e a sua relação entre a dualidade materialidade/imaterialidade. Se atendermos a que cada objeto foi pensado com uma função e objetivos, e todos coexistem no espaço e no tempo, o que acontece quando os objetos entram em contexto museológico? Que diálogos podem ser construídos entre objetos e entre estes e os visitantes? Partindo deste raciocínio, foram selecionados os retratos em miniatura de cariz afetivo, da coleção de Miniaturas do Museu Nacional Soares dos Reis (MNSR). O que aqui é proposto é um exercício de construção de uma biografia do objeto através da recolha documental da vida deste fora e dentro do contexto museológico. Desse modo, o objetivo principal prendeu-se com a recolha dessa documentação, orientada pelos estudos de cultura material e as abordagens transdisciplinares possíveis, de forma a construir abordagens biográficas. Numa primeira fase tinha sido levada a cabo uma revisão da literatura sobre as mais recentes orientações nos estudos de cultura material e da museologia.

A abordagem Biográfica da Cultura Material

Os estudos e investigação na área da cultura material têm aberto caminhos para uma compreensão mais profunda dos objetos, levantando questões pertinentes. Os seus vários autores, oriundos de áreas distintas como a Antropologia e Etnografia, Sociologia, Arqueologia e do campo da Museologia, desde há algumas décadas, têm vindo a obrigar à reflexão sobre como os objetos podem ser poderosos para nos fazerem entender o passado, o presente e mesmo o nosso futuro. A cultura material deve, em primeiro lugar, ser entendida como uma produção e criação social, cujo campo de estudo cruza vários conhecimentos, em constante mutação e crescimento. É esta interdisciplinaridade que vai permitir uma análise sociocultural dos objetos, abrangendo o estudo dos seus materiais, dos seus significados, da relação entre eles, e dos seus

contextos históricos e sociais. Observar e compreender as relações sociais e históricas criadas pela interação dos objetos com os vários atores sociais e os diversos significados adquiridos ajuda a compreender mais profundamente o processo de construção sociocultural de determinado espaço, tempo e sociedade. São estes diálogos e relações mútuas entre objetos e atores sociais a principal preocupação dos estudos de cultura material. Ao estudarmos as coisas, e uma vez que os seus significados estão inscritos nas suas formas, usos e trajetórias, integramos os objetos num estudo que nos aproxima da observação concreta do social, do seu carácter material e da sua circulação histórica e cultural. É esta a capacidade frutuosa dos estudos de cultura material: a de ser um meio e não um fim; ser um campo e não uma disciplina, onde vários saberes e conhecimentos se cruzam, em constante mutação e crescimento. Neste conhecimento da ligação entre os objetos, na sua materialidade, e as pessoas que os produzem e os usam, e o inverso, como os objetos produzem as pessoas, não se pode esquecer que “o que importa não é o objeto, mas as relações sociais” (Rede, 1996, p. 273).

Contudo, para não obliterar estas dimensões da cultura material é preciso subscrever o que Howes (2022) denomina como o paradigma da “vida socio-sensorial das coisas”. Ou seja, a materialidade das coisas compreende o social e o sensível. A perceção humana não é só biológica e psíquica, mas também cultural e historicamente mutável. Quando os objetos são considerados, a sua materialidade também atua de forma sensorial, embora esta não substitua a perceção intelectual, não dispensando, portanto, a análise cultural e histórica. Em conclusão, a materialidade do objeto não acaba na sua fisicalidade, resultando necessária sua imaterialidade para se processar a sociabilização e as construções de relações entre as coisas e os atores sociais, sendo ainda que estas não são estáticas. O objeto passa por vários processos de significação, não sendo unicamente ‘uma coisa’, mas, sim, várias, consoante os contextos, as leituras e as articulações com os vários intervenientes.

Reconhecendo a dimensão social e sensorial dos objetos, e a relação intrincada entre materialidade e imaterialidade, fica-se apetrechado para partir para a construção das suas biografias. Kopytoff (1986) defende que elaborar a biografia cultural de uma

coisa é como elaborar a biografia de uma pessoa⁵. O autor sustenta que a pertinência de examinarmos a biografia das coisas recai no facto de que, de outra forma, algumas facetas do objeto poderiam ser negligenciadas ou mesmo ignoradas, caindo assim na obscuridade. Se Kopytoff (1986) e Appadurai (1986) abordam a mercadoria da perspectiva da sua vida social, Miller (1998) vê os bens de consumo, não apenas como uma consequência do capitalismo, mas também como um meio de construção cultural, contribuindo de forma significativa para os estudos de cultura material.

Estas várias perspetivas ajudam a perceber e pensar os objetos, sejam eles de uma coleção museológica ou não, no âmbito da sua vida social; não os estudando isoladamente, mas tendo consciência de que foram objetos de consumo para quem os encomendou, adquiriu, ou ofereceu, tendo servido à construção de relações entre os intervenientes e destes com os próprios objetos. Ao percorrer a vida social do objeto, tal como a de um ser humano, compreende-se que também ela passa por contextos de significação diversos, podendo ganhar novos significados e ser transformada e alterada. Para dar conta desses processos há que situar as pessoas e as suas relações com os objetos. Por outro lado, as histórias que os acompanham não cessam quando entram em contexto museológico. A análise dos percursos biográficos dos objetos depois de serem musealizados vai permitir igualmente compreender as mudanças e inflexões de significado sofridas em virtude das políticas e práticas museológicas nas várias áreas de atuação do museu.

1. Metodologia para a abordagem biográfica do Retrato Afetivo

Identificados e selecionados os objetos Retratos em Miniatura da coleção de Miniaturas do MNSR, procedi a uma recolha documental tão exaustiva quanto me foi possível acerca dos contextos históricos e sociais de produção e uso destes objetos, a qual me

⁵ Para tal, devem-se colocar as seguintes questões: quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes ao *status* do objeto, e à época e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? de onde vem a coisa e quem a fabrica? qual foi a sua carreira até aqui e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? quais são as idades ou «fases da vida» reconhecidas de uma coisa, e quais os mercados culturais para ela? como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade se esgota (Kopytoff, 1986, p.66).

serviu de base de sustentação para a construção biográfica. Sendo necessário reunir documentação sobre a vida dos objetos dentro e fora do museu, consultei no MNSR várias fontes de documentação como: fichas de inventário, publicações e documentos diversos sobre os artistas e miniaturistas que os produziam. Foram ainda consultados dois dossiês internos da coleção. Aqui, para cada objeto, encontra-se toda a informação que foi sendo reunida por parte dos funcionários do museu que contactaram com a coleção: fichas de inventário antigas, cópias dos livros de registo de incorporação, recolha biográfica do respetivo artista, pedidos de autorização de aquisição, de cedência para exposições, e comunicação de ofertas e legados ao museu.

A par destas informações encontram-se igualmente anotações deixadas por parte de vários funcionários do museu que ao longo dos anos foram tendo contato com a coleção. A partir daqui realizei em paralelo duas tarefas: o registo fotográfico de todas as peças da coleção e a criação de um registo digital de dados em formato Excel onde procurei compilar toda a informação reunida sobre todas as peças da coleção. Este ficheiro inclui os seguintes campos: número de inventário, objeto/designação, descrição, formato, matéria, dimensões, ano/século, autor, proveniência, observações, bibliografia, outros, número de foto e data do registo fotográfico.

Com todo o material documental reunido procurei responder a questões como: quais foram os contextos de produção e uso daqueles pequenos objetos; que funções lhe estavam associadas; quem foram os seus intervenientes? Que percurso e vida teve o objeto? Como entrou o objeto no contexto museológico? Que percurso teve e tem hoje no museu? Que leitura é feita neste contexto? A resposta a estas questões possibilitaria entender e documentar como os retratos afetivos em miniatura permitiram criar relações sociais entre os vários atores sociais que os produziram, usaram, recolheram, guardaram, ofereceram, venderam, trocaram, ao longo do seu percurso fora e dentro do museu e que alterações foram ocorrendo ao longo da sua biografia e como estas podem ou não ter influenciado o modo como hoje os vemos.

2. Exercício biográfico do Retrato em Miniatura Afetivo de D. Ana

Leonina Baptista Lobo

A coleção de Miniaturas do MNSR consta de 120 peças, constituindo um conjunto bastante diversificado. Na procura de alcançar leituras interdisciplinares, decidi estudar o Retrato em Miniatura de carácter intimista e afetivo, considerando a sua presença quotidiana na vida das pessoas e no contexto museológico. Desse universo, para o exercício biográfico tive que reduzir o número de peças a um único retrato em miniatura: o de D. Ana Leonina Baptista Lobo (Fig. 1). Com o número de inventário 14MIN.CMP, a miniatura é realizada a guache sobre marfim, com as dimensões de 3,9 x 4,5 cm, está assinada e tem nela inscrito o ano de 1838. Apresenta-se num encaixe em ouro, em forma de pendente, encimado por uma argola. Portanto, antes de incorporado em contexto museológico, o objeto tinha como função ser usado como colar.



Figura 1 - Retrato em miniatura de D. Ana Leonina Baptista Lobo, 14MIN.CMP. Fonte: © Joana Sousa, 2024.

A investigação permitiu concretizar um exercício biográfico do objeto antes e depois da sua entrada no museu. Uma carta que se encontrava junto dos documentos sobre a peça revelou-se uma fonte preciosa de informações. Esta carta foi escrita no Porto, datada de 3 de dezembro de 1947, e foi enviada pelo Dr. Gaspar da Costa Leite, ao então diretor

do MSR, o Dr. António Vasco Valente, e tem como assunto principal a oferta ao museu do *Álbum de desenhos*, feitos por D. Ana Leonina. Na carta há informação de quem eram os seus pais e os seus avós maternos. Apesar de não constar o ano de nascimento, consta o ano da sua morte precoce: 1838. Foi possível um vislumbre de quem tinha sido a retratada. O autor deste retrato em miniatura foi o miniaturista portuense Tadeu de Almeida Furtado.

Através da informação do registo de incorporação, soube que o último proprietário do objeto foi o Dr. Gaspar da Costa Leite, tendo sido adquirido a este pelo museu pela quantia de 500 escudos. Ainda através da investigação, constatei que na mesma coleção há outro retrato de D. Ana Leonina (do mesmo autor, mas de maiores dimensões, realizado no mesmo ano) e um retrato da sua avó materna, D. Genoveva Margarida de Lima Baptista (cujo autor e a data são desconhecidos). Chego, assim à identificação de duas personagens femininas com ligações de parentesco entre si, ambas retratadas nestes pequenos objetos. O último proprietário é um elemento fundamental para a construção biográfica, centrando-se, neste caso, na figura do Dr. Gaspar Costa Leite, sobre o qual consegui apurar ligações de parentesco com a família de Ana Leonina. Por sua vez, podemos também encontrar o seu retrato em miniatura na mesma coleção, tendo sido a irmã de Tadeu de Almeida Furtado, Francisca de Almeida Furtado, a sua autora. Apurei igualmente que Ana Leonina foi aprendiz de Tadeu de Almeida Furtado. Concluindo, existiram ligações de amizade e parentesco entre todos estes intervenientes. Todos estes retratos em miniatura aqui referidos foram adquiridos pelo museu ao Dr. Gaspar Costa Leite, provando-se ter sido ele o último proprietário dos mesmos

Quanto ao percurso da peça em contexto museológico, atualmente encontra-se na exposição de longa duração, no 2º piso, na secção de jóias e acessórios de uso pessoal. Trata-se de um objeto que foi adquirido pelo Museu Municipal do Porto, em 1935, então incorporado na secção de pintura, subcategoria de miniatura e atualmente em depósito no MNSR. Na legenda, a primazia dada ao encaixe “pendente com retrato feminino” facilita a comunicação com o visitante, ajudando-o a melhor compreender como podia ser usado o retrato em miniatura. Neste caso, como pendente ao pescoço, o que

também é estratégico para demonstrar a diversidade da própria coleção. A relevância deste fator prende-se com a mudança de leitura do objeto que pode ocorrer quando se observa o mesmo retrato em miniatura em encaixes distintos, porque isso permite compreender diferentes modos de o usar e dos significados que lhe podiam ser atribuídos por quem o manuseava.

O retrato em miniatura afetivo ou intimista é, então, um objeto que, através da sua materialidade portátil, permite *performances* e interconexões entre diversos intervenientes assentes numa relação objeto/corpo. Por outro lado, ajuda a concretizar ligações emocionais e sensoriais, auxiliando a construção de relações sociais entre esses vários intervenientes. O ato de se fazer retratar ou ser retratado, espelhando a sua imagem visual e psicológica, e perpetuando essa imagem, vai permitir através da sua oferta ou troca, uma construção relacional com um outro. É esperado que o seu destinatário guarde, estime e interaja com o objeto, na esperança de que através desses gestos os seus sentimentos possam ser apaziguados.

Quando ao artista, o seu papel continua atuante por ter sido capaz de concretizar aquela imagem naquele objeto afetivo que ainda hoje perdura, perpetuando de igual modo a existência de si mesmo. O mesmo acontece com o colecionador, aquele que em determinado momento da vida encontra uma ligação com os retratos em miniatura e os protege, interagindo com os mesmos numa relação afetiva. Sendo o museu constituído por pessoas, estas também trazem leituras diversas e criam relações distintas com estes objetos, verificando-se relações sociais e afetivas dentro do museu.

Os vários percursos pelo qual o objeto passa, desde o ato da sua entrada neste novo contexto, onde adquire novas funções e significados, sendo colocado em diálogo com outros objetos, e o modo como é comunicado ao visitante, são fundamentais para a sua construção biográfica, podendo conduzir a novos caminhos interpretativos.

Considerações Finais

A construção da biografia do objeto, na sua vida dentro e fora do museu, não incide apenas na descrição do seu percurso, exigindo igualmente a interpretação e leitura da

sua condição como testemunho histórico-social-sensual das relações criadas entre as pessoas, num determinado tempo, espaço e sociedade. Só assim se compreende como essas relações foram sofrendo mudanças de significado ou não, consoantes as mudanças sociais, históricas, culturais, económicas de determinado contexto. Daí que para aprofundar questões que se querem respondidas, sendo inúmeros os fios condutores que se podem traçar e percorrer nas investigações quando se analisam os objetos nas suas dimensões biográficas, requer tempo.

Por fim, nunca é demais reforçar que, devendo o museu assumir a sua função social, este trabalho pretende ser um contributo para que possa concretizar abordagens menos centradas nos objetos *per si* e mais interdisciplinares.

Agradecimentos

O trabalho aqui apresentado não teria sido possível sem a orientação de Alice Duarte. Agradeço ao Museu Nacional Soares dos Reis, nas pessoas do seu Diretor, António Ponte, de Susana Medina, de Ana Mântua e de Teresa Pinheiro Torres.

Referências

- Appadurai, A. (1986). *The social life of things: Commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press.
- Howes, D. (2022). In defense of materiality: Attending to the sensori-social life of things. *Journal of Material Culture*, 27(3), 313–335.
- Kopytoff, I. (1986). The cultural biography of things. In A. Appadurai (Ed.), *The social life of things: Commodities in cultural perspective* (pp. 64–91). Cambridge University Press.
- Miller, D. (1987). *Material culture and mass consumption*. Basil Blackwell.
- Rede, M. (1996). História a partir das coisas: Tendências recentes nos estudos de cultura material. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 4(1), 265–282. <https://doi.org/10.1590/S0101-4741996000100018>